

MOTIVAÇÃO DE UNIVERSITÁRIOS EM EXERCER O PAPEL DE PROFESSOR VOLUNTÁRIO EM UM CURSINHO POPULAR

MOTIVATION OF UNIVERSITY STUDENTS TO WORK AS VOLUNTEER TEACHERS IN A POPULAR COURSE

Carolina Sassi*
José Humberto Alves**
Andrea Ruzzi Pereira***

RESUMO: O objetivo desse estudo foi compreender a motivação dos universitários que atuam como voluntários em um cursinho popular e avaliar a autopercepção de bem-estar. Trata-se de um estudo exploratório descritivo, de natureza qualitativa, realizado com uma análise de conteúdo em estudantes dos cursos de graduação de uma universidade federal por meio de entrevistas virtuais. Os resultados revelaram três categorias principais de motivação: satisfação pessoal, desenvolvimento profissional e desejo de auxiliar o próximo. Os voluntários perceberam a intersecção entre ajudar os alunos e encontrar satisfação pessoal, enquanto também destacaram o impacto positivo na relação professor-aluno. Em conclusão, a motivação para o voluntariado é multifacetada, incluindo a gratificação de ajudar e desenvolver habilidades, mas enfrentar obstáculos contextuais impactando o bem-estar pessoal e a relação professor-aluno.

Palavras-chave: Motivação; Voluntários; Estudantes.

ABSTRACT: The aim of this study was to understand the motivation of university students who volunteer at a popular course and to assess their self-perception of well-being. This is a descriptive exploratory study of a qualitative nature, carried out using a content analysis of undergraduate students at a federal university through virtual interviews. The results revealed three main categories of motivation: personal satisfaction, professional development and the desire to help others. Volunteers perceived the intersection between helping students and finding personal satisfaction, while also highlighting the positive impact on the teacher-student relationship. In conclusion, the motivation for volunteering is multifaceted, including the gratification of helping and developing skills, but facing contextual obstacles impacting personal well-being and the teacher-student relationship.

Keywords: Motivation; Volunteers; Students.

* Graduação em Terapia Ocupacional pela UFTM. Contato: carolinasassi1@gmail.com

** Mestrando em Educação Física pela UFTM. Contato: jhfisioterapeuta@gmail.com

*** Doutorado em Saúde Coletiva pela USP. Docente da UFTM. Coordenadora do Núcleo de Estudo e Pesquisas em Saúde Mental, Álcool e outras Drogas da UFTM. Contato: andrea.pereira@uftm.edu.br

INTRODUÇÃO

Quando assumimos que o ser humano é ocupacional, entendemos que ele desempenha e desenvolve ocupações, habilidades e papéis ocupacionais em sua vida, sendo eles influenciados por fatores pessoais e ambientais (AOTA, 2020). Com isso, o termo ocupação refere-se às atividades nas quais as pessoas se envolvem ao longo do tempo (AOTA, 2020), que trazem significado e propósito para suas vidas (MAGALHÃES, 2013). As ocupações podem envolver a execução de múltiplas atividades para sua conclusão e podem resultar em vários efeitos, sendo classificadas como: atividades de vida diária (AVD), atividades instrumentais de vida diária (AIVD), gestão da saúde, descanso e sono, educação, trabalho, brincar, lazer e participação social (AOTA, 2020).

Dessa forma, o trabalho, classificado como ocupação humana, é relacionado com o desenvolvimento pessoal e profissional, produção, gerenciamento, organização de um serviço ou produto, podendo ser, ou não, com benefícios financeiros. O trabalho é rico de sentido individual e social que contribui na estruturação da identidade e da subjetividade do ser humano (TOLFO; PICCININI, 2007), tendo a oportunidade de despender tempo de modo relevante, encontrar desafios, adquirir *status* e obter renda (SILVA; TOLFO, 2012).

O trabalho em si pode atribuir muitos significados e sentidos a nossa vida, porém há uma distinção entre trabalho que possui benefícios financeiros e o voluntário, levando a uma diferença para além do salário, e sim na motivação em desempenhá-lo (FERREIRA, PROENÇA; PROENÇA, 2008). O voluntariado é exercido por indivíduos que oferecem o seu serviço a uma determinada organização, por livre e espontânea vontade, sem esperarem uma compensação monetária, mas sendo um serviço que origina benefícios individuais e a terceiros da mesma forma (FERREIRA, PROENÇA; PROENÇA, 2008). Portanto, o trabalho voluntário pode ser distinguido como informal e formal: o primeiro inclui comportamentos rotineiros e pontuais, como por exemplo, ajudar um amigo ou familiar; o último engloba comportamentos semelhantes, mas são realizados no âmbito de uma Organização Não Governamental (ONG) ou instituição, que traz

benefícios para a comunidade onde se insere e para o próprio voluntário (FERREIRA; PROENÇA; PROENÇA, 2008).

O trabalho voluntário formal, ao oferecer um serviço à comunidade, atende demandas que o governo não consegue sanar. A administração pública direta não consegue efetivar plenamente os direitos e as garantias constitucionais, essencialmente, os direitos sociais, diante do desenvolvimento social, tecnológico e científico e com a globalização. Assim, as fundações e as associações, entidades de cunho beneficente e sem fins lucrativos, desempenham um papel de extrema relevância à efetivação dos direitos e garantias fundamentais constitucionais, seja como organizações não governamentais ou filantrópicas, compondo assim com o chamado Setor Terciário (CASTILHO; SILVA; SALES, 2018).

Um exemplo de serviço, cuja função o Estado não consegue suprir, em que o trabalho voluntário contribui para sociedade são os cursos preparatórios pré-vestibulares denominados cursinhos “populares” ou “comunitários”, que surgem, em geral, com o intuito de democratizar o acesso à universidade pública (KATO, 2011). Os cursinhos foram emergindo como iniciativas que visavam o benefício da parcela da população sem condições de custear sua preparação ao ingresso na vida universitária. A criação desses espaços iniciou uma luta por políticas públicas de ação afirmativa que possibilitassem igualdade de acesso às universidades (SOARES et al., 2007). A elaboração de um cursinho pode se dar de forma independente, dentro de escolas e/ou universidades públicas, podendo ser composto por universitários, pós-graduandos e até mesmos docentes das Universidades, constituindo um ambiente rico em vivências e trocas de ideias que aproxima o estudante atendido pelo cursinho da realidade acadêmica e do desejo de obter um título de ensino superior (KATO, 2011).

Dessa forma, os cursinhos populares oferecidos dentro das universidades públicas são majoritariamente compostos por estudantes universitários, que desempenham alguns papéis ocupacionais, como o de professor e de voluntário. Isto é, papéis ocupacionais são conjuntos de comportamentos esperados pela sociedade e moldados pela cultura e contexto (AOTA, 2020). Os papéis ocupacionais desenvolvem-se em conjunto com as ocupações que o indivíduo

desempenha na sociedade; entre eles estão os papéis de estudante, pai, mãe, empregador, trabalhador voluntário, entre outros (PEDRETTI, EARLY, 2005). Os voluntários, atuantes nos cursinhos populares, também desempenham em suas vidas outros papéis ocupacionais que podem se inter-relacionar e compor com sua atuação nas ocupações e também influenciar no seu bem-estar. Para a sociedade, trazer compreensão sobre as motivações do trabalho voluntário para o sujeito e que esse sujeito percebe melhora em seu bem-estar devido a essa ocupação, possibilitará um maior interesse da população em desenvolver esse tipo de atividade. Sendo assim, o objetivo desse estudo foi compreender a motivação dos universitários que atuam como voluntários em um cursinho popular e avaliar a autopercepção de bem-estar.

MÉTODO

Trata-se de um estudo exploratório descritivo, de natureza qualitativa, realizado com estudantes dos cursos de graduação de uma universidade federal do interior do estado de Minas Gerais, que à época da coleta estavam prestando trabalho voluntário como professor no cursinho popular da mesma instituição de ensino. Adotou-se uma abordagem qualitativa por abranger um conhecimento mais compreensivo, rompendo a distância epistemológica entre sujeito e objeto, arcando com suas implicações como atores e agentes do cuidado e da produção de conhecimento, como citado por Ramos, Paiva e Guimarães (2019).

Desse modo, esta abordagem seria a mais adequada, observando o indivíduo como um ser de significados e ações sociais e individuais, que conseguem, por conseguinte, raciocinar a partir de conhecimentos prévios e experiências dentro do ambiente de graduação, e sobre suas motivações em ser voluntário em um cursinho popular.

O trabalho foi enviado ao Comitê de Ética em Pesquisa da universidade e aprovado de acordo com a CAAE: 42466621.0.0000.5154, número do parecer: 4.527.445. Para a coleta de dados foi necessário o contato com coordenação do Centro de Educação Profissional (CEFORES) da instituição para identificação do público-alvo junto ao cursinho, onde foi disponibilizado a lista de professores

voluntários, para posterior divulgação da pesquisa e convite de participação. Além disso, foi elaborado um roteiro com perguntas semiestruturadas exclusivamente para esta pesquisa. A coleta aconteceu por meio virtual devido ao contexto da crise sanitária por conta da Covid-19, durante os meses de outubro a novembro de 2021, seguido de convite e divulgação de um link, pelo qual era agendado um dia e horário para realizar a entrevista, via plataforma online do Google Meet®. Esse recurso possibilitou a gravação das entrevistas e o armazenamento do conteúdo audiovisual, que, posteriormente, foi usado para transcrição das entrevistas, registradas em planilhas do Excel® e texto no Word®. Todo conteúdo coletado foi armazenado em um drive e codificado para preservar a identidade dos participantes, bem como, salvo em pastas criptografadas com intuito de segurança, sendo definitivamente descartadas após a publicação na íntegra desse estudo.

Foram considerados como critérios de inclusão ter idade igual ou superior a 18 anos, ser estudante da graduação e desempenhar o papel de professor no cursinho popular no período de entrevista. A aceitação da participação na pesquisa e assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido foi condição *sine qua non* para o início da coleta de dados.

A entrevista apresentava questões sobre dados sociodemográficos (idade, sexo, renda familiar, curso de graduação e confirmação que desenvolve o papel de professor voluntário no cursinho); e perguntas acerca das motivações para exercer e se manter no papel de voluntário no cursinho popular e sobre a autopercepção de bem-estar desses universitários por desenvolverem esse trabalho.

Os dados foram considerados por meio da análise de conteúdo temático categorial adaptado para pesquisas qualitativas, proposta por Bardin (2010). A autora enfatiza que a análise de conteúdo é um agregado de técnicas de análise das mensagens, objetivando construir através de processos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mesmas, questões (quantitativas ou qualitativas) que permitem a inferência de conhecimentos relacionados às condições de emissão recepção (variáveis inferidas) destas comunicações.

Para análise, inicialmente realizou-se uma leitura compreensiva do conjunto do material selecionado, e por meio desta buscou-se apreender as particularidades do conjunto do material analisado, elaborando pressupostos iniciais que serviram de parâmetro para a análise e a interpretação do material. Então, foram escolhidas formas de classificação inicial; determinando os conceitos teóricos que orientaram a análise (DE SOUZA MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2011).

Seguindo os pressupostos de De Souza Minayo, Deslandes e Gomes (2011), na segunda etapa, realizou-se uma exploração do material, procurando-se distribuir trechos, frases ou fragmentos de cada texto de análise pelo esquema e classificação inicial; fez-se uma leitura dialogando com as partes do texto da análise em cada classe; identificou-se através de inferências, os núcleos de sentido apontados pelas partes dos textos em cada classe do esquema de classificação, dialogando os núcleos de sentido com os pressupostos iniciais, realizando outros pressupostos.

Por fim, os diferentes núcleos de sentido presentes nas várias classes do esquema de classificação foram analisados, reagrupando as partes do texto por temas encontrados e elaborando uma redação por tema. Como etapa final, foi construída uma síntese interpretativa através de uma redação que dialoga com os dados encontrados na pesquisa, os objetivos do estudo com o referencial teórico encontrado na literatura (DE SOUZA MINAYO; DESLANDES; GOMES 2011).

RESULTADOS

Participaram 20 voluntários, dos quais quatro se identificam como mulher (cis gênero) e 16 como homem (cis gênero), com idade entre 20 e 30 anos (média de 22,8), matriculados em cursos de graduação de diferentes áreas, sendo predominantemente estudantes do curso de medicina, como apresentado no quadro de identificação dos participantes.

A renda familiar dos participantes variou, em salários-mínimos (SM) que atualmente é de R\$1.100,00, de abaixo de um salário a 15 SM, sendo 10% com

dois SM, 20% com quatro SM, 10% com cinco SM, 10% com seis SM, 5% com sete SM, 15% com oito SM, 5% com nove SM, 5% com 10 SM, 5% com 12 SM e 5% com 15 SM; além disso, dois participantes relataram não possuir renda equivalente ao valor do salário-mínimo, pois, sua renda provém exclusivamente dos auxílios acadêmicos disponíveis pela universidade (um participante recebe mensalmente aproximadamente R\$200,00 e o outro R\$350,00).

No quadro abaixo há a apresentação desses dados. Os participantes foram distribuídos em ordem alfabética e após, para preservar suas identidades, foram identificados com a letra "V" de voluntário, sendo distribuídos do número 1 ao 20.

Quadro: Identificação dos participantes.

Participantes	Idade	Gênero	Renda familiar	Curso matriculado	Fez trabalho voluntário antes
V1	20	Feminino	12 SM	Engenharia Civil	Não
V2	24	Feminino	4 SM	Enfermagem	Sim
V3	23	Masculino	9 SM	Engenharia Civil	Não
V4	23	Masculino	2 SM	Letras/ Espanhol	Sim
V5	23	Masculino	8 SM	Medicina	Não
V6	25	Masculino	7 SM	Medicina	Sim
V7	20	Masculino	15 SM	Medicina	Sim
V8	22	Feminino	10 SM	Medicina	Sim
V9	22	Masculino	8 SM	Medicina	Não
V10	22	Masculino	6 SM	Medicina	Sim
V11	23	Feminino	4 SM	Terapia Ocupacional	Sim
V12	24	Masculino	Auxílio Acadêmico	Biomedicina	Sim
V13	22	Masculino	5 SM	Medicina	Sim
V14	23	Masculino	8 SM	Medicina	Não
V15	30	Masculino	Auxílio Acadêmico	Fisioterapia	Sim
V16	20	Masculino	5 SM	Medicina	Não
V17	22	Masculino	2 SM	Medicina	Sim
V18	20	Masculino	6 SM	Engenharia Civil	Sim
V19	24	Masculino	4 SM	Medicina	Não
V20	24	Masculino	4 SM	Medicina	Não

Fonte: autores, 2023.

Por meio do conteúdo das falas dos participantes foi possível identificar três categorias temáticas que representam suas motivações, como: satisfação pessoal, desenvolvimento profissional e ajudar o próximo. Vale ressaltar que a maioria dos voluntários percebem os três temas como fator de motivação.

A categoria “satisfação pessoal” mostra que os participantes percebem que as experiências vividas no cursinho proporcionam felicidade e bem-estar. Ademais, esses sentimentos foram, em sua maioria, atrelados ao fato de identificarem que o voluntariado proporciona o desenvolvimento de habilidades sociais, comunicação (oratória), perda da timidez, mais organização, responsabilidade e o exercício da empatia. Além disso, alguns reconhecem no cursinho uma rede de apoio, há participantes que os definem como família, e que as amizades desenvolvidas também são fatores positivos para continuar no projeto.

Eu acho que uma coisa que o cursinho tem e, não posso falar por todos, mas vendo pelo cursinho que fiz como estudante e agora voluntária é a questão do afeto que se cria. Tanto com professor como com o aluno, porque você sabe que ali vai ter alguém para te apoiar, então para mim isso é incrível, e então acaba se tornando uma família, mas não é uma família como se fosse um amigo, mas é uma família que você sabe que está ali (V11).

Ainda, há participantes que relacionam suas experiências no cursinho como influência para o bem-estar. Os voluntários identificam no cursinho a desigualdade socioeconômica por parte dos alunos que atendem, e, entendem que a proposta do cursinho pode ser uma grande alternativa de acesso à educação. Veem o cursinho popular como direito, e às vezes como a única possibilidade de muitos para o ingresso à universidade. Aqueles que possuem maiores condições econômicas relatam que, ter contato com diferentes realidades, muda sua percepção de mundo, associando muitas vezes ao desenvolvimento pessoal, como V18 que afirma que seu desenvolvimento e satisfação pessoal são fatores que o fazem olhar para o voluntariado e ter a autopercepção de bem-estar.

[...] como eu disse, renova a alma, pelo menos para mim que estou ali dentro da sala de aula, eu meio que me transformo, eu sou outra pessoa, eu consigo deixar totalmente tudo que eu tenho por fora da sala de aula do lado de fora e jamais que vou deixar algum problema de fora atrapalhar, influenciar ou causar algum mal-entendido ali dentro [...] lidar com essas diferentes realidades às vezes faz a gente abrir os olhos, cair numa realidade que a gente não tinha tanta noção da profundidade, talvez tinha até noção, mas a profundidade não, então é engrandecedor, é um conhecimento que agrega bastante, tanto para quem frequenta o cursinho como aluno e para quem está lecionando. Eu citei a parte da oratória, desenvolvimento pessoal, a pessoa que é muito inibida consegue se soltar melhor conforme vai passando o tempo, eu acho que isso são fatores que até depois que formar vai ajudar, você consegue falar melhor, você consegue se gesticular e trazer mais informações e isso vai ser útil (V18).

Nessa perspectiva, V7 traz uma reflexão sobre o voluntariado influenciar no bem-estar:

Eu acho que sim [que influência], totalmente, já pensei muito, acho que é uma questão complexa, não existe 100% altruísmo, você sempre está ganhando algo também. Gosto de conversar e ajudar, eu gosto também da volta, não é sempre uma volta garantida, mas é essa ideia (V7).

Observa-se que a motivação para entrar no cursinho pode ser diferente daquela que fez o estudante se manter, como exemplifica a fala de V18:

Essa admiração que eu tenho pela profissão de professor, de lecionar, eu sempre me imaginei atuando. Eu sempre ajudava meus amigos e eu sentia que tinha um resultado positivo e era bom, a pessoa gostava que eu explicava e esclarecia mais, e a faculdade abriu as portas para eu poder entrar nessa área de lecionar; para eu fazer um teste, foi o que eu pensei na primeira vez que eu entrei, se eu tinha vocação ou não. Conforme o tempo foi passando deixou de ser um teste e se tornou um amor e uma paixão, e eu tenho para mim e já falei para os meus pais e quem pergunte que eu não abandono o cursinho até eu me formar (V18).

A segunda categoria, “desenvolvimento profissional” apresenta que as motivações iniciais para entrar para o cursinho são relacionadas a busca por experiências como professor, interesse em seguir à docência após a graduação e qualificação.

Eu tenho muito interesse pela área de docência e pesquisa. Quando eu cheguei na universidade meu foco sempre foi esse, e eu acreditei que o cursinho poderia ser um auxílio para ajudar mais para frente e também começar a ter um pouquinho de experiência e ver se realmente eu dava conta daquilo, então foi basicamente para isso, adquirir um pouco mais de experiência (V12).

Há também relatos que se aproximam dos motivos listados para a “satisfação pessoal”, pois alguns entendem que devido ao cursinho ajudar a desenvolver habilidades de oratória, organização, responsabilidade e empatia, são fundamentais para se formar um “bom professor”. Essas observações apresentam também um senso crítico por parte dos voluntários sobre o impacto e relevância da relação professor-aluno, fazendo refletir sobre o papel do professor na educação.

Exercer o papel de professor no nosso país atualmente já é uma coisa muito difícil devido à desvalorização, então já é algo muito importante se você decide exercer essa função voluntariamente [...] O cursinho te proporciona muitas coisas, tipo no âmbito de ser professor e na faculdade a gente vê um modelo de professor que é um modelo muito mais tradicional, arcaico também, que é aquele modelo do professor que só vai lá e dá aula e acabou, não tem a relação afetiva com os alunos; no cursinho é totalmente ao contrário, se você não tiver relação afetiva com seus alunos você não consegue passar o conteúdo que quer passar, pelo menos foi assim nas minhas aulas. Logo de cara eu precisava me conectar com os alunos de uma forma que fosse bom suficiente para que eu pudesse encontrar as dificuldades deles. Por exemplo, a dificuldade de fazer uma redação nem está em fazer a redação, às vezes a dificuldade está no pensar, nos problemas que ele tem em casa, então às vezes é muito

legal você sentar para conversar e ele falar que tem problema disso e daquilo, é totalmente externo ao estudo, então você já começa a encaminhar ele por exemplo para uma psicóloga, assistente social para que ele consiga resolver os problemas, e que assim ele possa se concentrar na redação. Então eu percebi que tive que fazer muito disso, eu tive que fazer o que os meus professores não fizeram (V12).

A terceira categoria, “ajudar o próximo” mostra que os participantes que entendem que tem privilégios em suas vidas consideram fundamental ajudar àqueles que não tiveram as mesmas oportunidades. Além desses, àqueles que vivenciaram a experiência de ser estudante de um cursinho pré-vestibular da rede privada e acreditam que tiveram mais acesso a temas relacionados ao vestibular e universidades.

Eu sempre estudei em escola particular, então para mim o ensino nunca foi deficitário, meus pais sempre investiram na minha educação, mas essa é uma oportunidade que eu tive e ainda tenho. Meus pais, por exemplo, não tiveram essa oportunidade de ter a educação que eu estou tendo. Nenhum deles têm ensino superior, então meu pai sempre valorizou a educação [...] o cursinho que eu fiz foi excelente, não é todo mundo que pode ter essa oportunidade. Nesse tempo eu pude absorver muitas coisas do ensino médio, não ao nível de um professor que fez graduação, mas ao ponto de passar ensinamentos para essas pessoas que não tem condições de bancar um cursinho. Aí entra o fato de que eu acredito da mesma forma que meu pai, que a educação é o principal caminho que pode mudar as coisas, eu acho que temos que trazer esse retorno social para as pessoas, não que seja uma obrigação, eu e você e todo mundo contribui financeiramente com imposto para isso, a gente está pagando para ter esse benefício, de ter educação pública, mas ela não é acessível para todos (V13).

Assim como V13, há vários outros voluntários que relatam ter vivido a experiência de ser aluno em um cursinho pré-vestibular, tanto da rede privada como da rede pública. Em ambos os casos, reconhecem que há muitas dificuldades nos estudos e que o cursinho pode ser uma experiência estressante, sendo esses fatores apontados como uma motivação ao prestar o trabalho

voluntário. Porém, naqueles que frequentaram um cursinho popular observa-se um sentimento de gratidão, pois contaram com a ajuda de voluntários para poder ingressar na universidade.

Eu acho que vai muito em questão do que eu vivi na minha vida, eu sai da escola e eu fui para o cursinho que era também voluntário, que os professores também não ganhavam nada, então assim, graças a esse cursinho eu cheguei na universidade hoje; então acho que seria uma forma de retribuir, para os alunos de agora, tudo que eu ganhei. Por isso eu decidi atuar como voluntário, sem bolsa e sem nada, mesmo com todo o trabalho do cursinho, eu acho que ser voluntário era algo importante (V12).

Eu acho importante o papel social, tanto como profissão, quanto estudante de uma universidade pública, eu acho que se não fosse a sociedade que me proporciona oportunidade de cursar meu curso eu nunca teria condições; então, se a sociedade investe bastante em mim, penso que tudo que eu conseguir dar de retorno de algum modo é importante (V17).

Ainda, observa-se uma mistura de sentimentos entre ajudar o próximo e a satisfação pessoal. A maioria dos voluntários, diante do fato de ajudar os alunos e retribuir para a sociedade com seus conhecimentos e experiências, associam esses fatores como um ganho no âmbito pessoal. Como relatado pelo V11, quando questionado do porquê prestar trabalho voluntário no cursinho popular.

Porque vale a pena ver que os alunos conseguiram passar, que eles estão conseguindo entrar na faculdade, e muitas vezes eles não acreditavam que isso seria possível por falta de oportunidade; ou então por outras várias questões falavam que aquilo não era pra eles, e de repente conseguem ver o nome deles na lista do vestibular, aprovado para medicina, aprovado para economia, aprovado pra "X" coisas, e eu tive essa sensação, sei o quanto é gratificante, mas ver isso no outro é melhor do que eu ter sentido isso, sabe? (V11).

Além disso, quando questionado se o participante acredita que ser voluntário influencia no seu bem-estar dentro e fora da universidade, houve

aqueles que associaram se sentir bem com se sentir “útil”. O referente dado chama atenção das pesquisadoras, pelo fato de a concepção de utilidade estar vinculada no sentido de utilidade social, expressando um movimento de autoafirmação dentro do voluntariado.

Sim, porque de alguma forma você está sendo útil, não só isso, você não está ali passando em branco, se está ajudando a mudar a vida de alguém [...] (V19).

Acredito que sim, ajuda bastante a gente se sentir útil, motivar, e que a vida não é só estudo da faculdade, vai muito além disso (V14).

Ademais, o período que eles lecionaram no cursinho, com pandemia da COVID-19, distanciamento social, *lockdown*, e aulas remotas, foram fatores apresentados como prejudiciais e barreiras para exercer suas funções com o programa. Mesmo que nenhuma pergunta tenha direcionado para essa temática, foi inevitável que eles trouxessem em suas falas, ainda mais considerando que alguns indicaram ser um fator desmotivador a continuar exercendo sua função.

Diante desse contexto, além de colocações acerca da dificuldade para si, houve também preocupações e apontamentos sobre a dificuldade para os alunos e sua evasão. Acontecimento este, associado com a desmotivação devido ao prejuízo na qualidade das relações do grupo, falta de acesso à internet, contextos ambientais e sociais que impedem o aluno de prender sua atenção e o formato das aulas que não favorece os professores a passar o conteúdo de forma mais atrativa e envolvida com os alunos.

Eu acho que a minha relação com as pessoas do cursinho, principalmente com os alunos se deteriorou muito esse ano, pelo fato de ser online acredito que muito dos impactos positivos a gente faz presencialmente, né? Primeiro que o online é muito mais tedioso para ele estarem me acompanhando, mesmo que a aula e o conteúdo sejam os mesmos de antes. No online, não tem aquela interação, aquela presença e contato, e acredito que isso influencia de forma muito negativa minha relação com os alunos esse ano (V20).

De início, tivemos uma adesão muito grande por parte dos alunos, só que por conta da pandemia isso desmotivou bastante, muita gente perdeu familiares, pessoas próximas e as vezes nem todos tem as mesmas condições, como ter um celular, acesso à internet, para conseguir ver a aula online. E o online acaba desmotivando o aluno que não tem tanta obrigação de frequentar uma aula, então o que me deixou desmotivado foi isso, porque teve uma adesão muito grande no início, mas no final já tinham poucos alunos (V2).

DISCUSSÃO

O presente estudo explorou as motivações dos universitários que trabalharam como voluntários em um cursinho popular, bem como avaliaram sua autopercepção de bem-estar nesse papel. Os resultados revelaram uma complexa interação de fatores motivacionais, destacando três categorias temáticas principais: satisfação pessoal, desenvolvimento profissional e desejo de ajudar o próximo. Essas categorias frequentemente se interligam, ilustrando a natureza multifacetada das motivações dos voluntários.

A categoria “satisfação pessoal” demonstrou que muitos voluntários percebem o ato de ensinar e auxiliar os alunos como uma fonte de felicidade e bem-estar. As experiências vivenciadas no cursinho foram associadas ao desenvolvimento de habilidades sociais, oratória, organização e empatia. Essa satisfação pessoal também foi relacionada à construção de laços afetivos com alunos e colegas, criando uma espécie de ambiente familiar no cursinho. Os voluntários reconheceram o impacto positivo que suas ações tiveram na vida dos alunos, o que, por sua vez, garantiu seu senso de realização e utilidade.

Além disso, o sentimento de realização e de satisfação pessoal perpassam as demais categorias elencadas, tendo os participantes apontados em suas falas que ajudar ao próximo e desenvolvimento profissional levam a satisfação. Ainda, identifica-se o anseio de ter um destaque acadêmico e a intenção do desenvolvimento profissional, considerando ser professor no cursinho popular como um teste para exercer futuramente o trabalho formal como docente. É importante observarmos que, alunos do ensino superior que

antes se encontravam na posição de estudantes do ensino médio ou de cursinhos preparatórios para o vestibular refletem um sentimento de gratidão pelo ensino e oportunidades que tiveram, identificando a importância e como a transmissão do conhecimento pode ajudar o próximo, principalmente àqueles de baixa renda (RIMOLI; ALVES, 2020).

Na categoria do “desenvolvimento profissional” como motivação para o voluntário. Muitos voluntários se interessaram na área da educação e da docência, enxergando o cursinho como uma oportunidade para adquirir experiência e habilidades como futuros professores. A relação entre o voluntariado e a qualificação profissional foi destacada, uma vez que a prática de ensino proporcionou um ambiente para o desenvolvimento de competências pedagógicas e interpessoais, essenciais para a formação de um 'bom professor'. Essa motivação também sugere uma conexão entre o serviço voluntário e a construção da identidade profissional.

Existem diversas teorias e modelos propostos na literatura para explicar as motivações para o trabalho voluntário. Esses modelos indicam parâmetros de motivações altruístas e egoístas, incluindo modelos bidimensionais e, contudo, modelos tridimensionais que distribuem a motivação em categorias de altruísmo, social e material. Atualmente, os modelos multidimensionais são mais amplamente aceitos e apontam uma variedade de motivos (MASCARENHAS; ZAMBALDI; VARELA, 2013).

Estudos sobre motivações de voluntários com foco nos cursinhos populares são relativamente recentes e têm crescido em linha com o aumento de demanda de pessoas se dedicando por esta mão de obra (DA SILVA SANTOS; NETO; OLIVEIRA, 2022). Desse modo, os resultados apontados neste estudo mostram que, a motivação dos acadêmicos para participarem como professores do projeto de apoio intitulado cursinho popular de educação surge por aspectos e sentimentos pessoais, como, ajudar ao próximo, satisfação pessoal e desenvolvimento profissional (GROPPO; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2019).

Esse processo é identificado desde a motivação para assumir a função desejada, quando passam por um processo de seleção pautado em um edital

elaborado pela instituição de ensino superior, estipulando prazos, documentos e sistemas de classificação, o que direciona essa população para aquisição de um perfil mais profissional, adotando responsabilidades e deveres para atender candidatos que estão na fase de conclusão do ensino médio e tem interesse em ingressar na graduação (GROPPO, OLIVEIRA, OLIVEIRA, 2019).

Jovens voluntários que se engajam como professores em cursinhos populares exibem um perfil multifacetado que combina motivações altruístas e sociais (DE OLIVEIRA VIANA, 2018). Neste Sentido, este estudo revelou que, ao exercerem o papel de voluntários, esses jovens não apenas foram acolhidos pessoal e profissionalmente, mas também demonstraram um compromisso com o bem-estar da sociedade em geral. Suas ações refletem um altruísmo inerente, manifestado através do desejo de contribuir positivamente para a vida dos alunos, muitos dos quais podem enfrentar desafios socioeconômicos. No entanto, é importante notar que essa dedicação altruísta coexiste com elementos de autoaperfeiçoamento, uma vez que os voluntários também relatam benefícios pessoais, como desenvolvimento de habilidades interpessoais e um senso de propósito (OLIVEIRA-SILVA; MELO ARAÚJO; ANDRADE BARBOSA, 2022).

A terceira categoria, “ajudar o próximo”, revelou um forte desejo por parte dos voluntários de contribuir para a sociedade e retribuir as oportunidades que tiveram. Aqueles que vivenciaram a experiência de cursinhos pré-vestibulares, tanto na rede pública quanto na privada, expressaram gratidão por terem recebido ajuda de voluntários em suas trajetórias educacionais. Esses relatos refletem um senso de responsabilidade social e uma compreensão das desigualdades educacionais no país. Além disso, a conexão entre a ajuda ao próximo e o bem-estar pessoal foi evidenciada, sugerindo que o ato de ser útil para a sociedade também tem um impacto positivo nas emoções e no senso de propósito dos voluntários.

Os cursos populares constroem pontes entre duas populações diferentes, mas que tem o mesmo propósito, a busca pelo conhecimento e a vontade de ingressar em uma instituição de ensino superior, às vezes, com a esperança de se inserir no mercado de trabalho, de acordo com a área desejada, como no caso de estudantes de Letras, ou mesmo de outros cursos, mas que pretendem

seguir carreira acadêmica (ARRUDA-BARBOSA et al, 2019). Por isso, essa iniciativa se torna importante para a inclusão social de jovens, principalmente no cenário brasileiro onde encontramos dificuldades no acesso à internet, livros, educação e a saúde. Não se deve esquecer que, tais cursinhos populares não estão voltados apenas ao ingresso em instituições públicas de ensino superior, também servem de porta de entrada para instituições de ensino superior privada e ainda a bolsas via Programa Universidade para Todos (Prouni) WHITAKER, 2010).

Através da criação da concepção de educação popular, Paulo Freire consolidou um dos paradigmas mais ricos da pedagogia contemporânea, contribuindo para a formação de uma sociedade democrática e libertadora, rompendo radicalmente com a educação elitista e comprometendo-se verdadeiramente com a sociedade em uma desarticulação da escola com a sociedade. É importante ressaltar que no momento da entrevista os professores se encontravam em um contexto de pandemia da COVID-19, com a utilização de tecnologias de informação e comunicação para a realização de aulas remotas, com isso, fica evidente na fala dos participantes a dificuldade que esse contexto trouxe para a relação professor-aluno, sendo uma condição que distância o contato com o aluno e a compreensão das reais demandas perante o conteúdo apresentado (CORRÊA; BRANDEMBERG, 2021). Fatores como instabilidade do sinal da internet, não ligar a câmera e o microfone do aparelho celular ou computador, por parte dos alunos, para se comunicar e interagir com os professores, são agravantes para um bom andamento das aulas (CARRARO; OSTEMBERG; DOS SANTOS, 2020).

Além disso, é fundamental olharmos a educação no ensino superior e as formas como a amostra deste estudo, postos como professores, se preparam para atuarem de uma forma integral, se capacitando, principalmente diante de diversos contextos, como, por exemplo, a pandemia da Covid-19, as diversas possibilidades de tecnologias digitais e, o principal, se todos alunos realmente tem acesso a essa educação, aos recursos e ferramentas digitais (RONDINI et al, 2020). A satisfação pessoal diz respeito a percepções e sentimentos em relação a algo ou algum tipo de trabalho, isso reflete como a pessoa se sente no

trabalho de uma forma geral e em relação às suas diferentes dimensões, podendo desencadear níveis variados de satisfação ou insatisfação (NUNES et al, 2010).

No entanto, o ponto chave para aderência aos cursos populares é o apoio e a capacitação da instituição de ensino superior, não apenas na questão financeira, mas no apoio didático e pedagógico, estrutural do ambiente e o acompanhamento/suporte de docentes aos discentes. Desse modo, os motivos que levam o indivíduo a ser voluntário são fundamentais para a eficiência do trabalho, bem como, programas de treinamento, espaços para momentos de reflexão e utilização de dinâmicas grupais entre os membros, visto as particularidades e experiências adquiridas de cada um, abordando questões envolvidas, pontos fracos e fortes de cada um, modo que não estipule um padrão a ser seguido para a proposta metodológica, mas sim, recursos que podem ser compartilhados, para facilitar a didática e/ou deixar as aulas mais interativas (CAMPOS, DA CRUZ, 2020).

No entanto, este estudo também revelou desafios enfrentados pelos voluntários, especialmente durante a pandemia da COVID-19 e a transição para o ensino remoto. A análise das falas dos participantes ressalta como o distanciamento social e as aulas online melhoraram a qualidade das relações com os alunos e afetaram o engajamento no cursinho. A ausência de abandono presenciais e a dificuldade de manter os alunos motivados foram destacados como barreiras para a continuidade do voluntariado. Essa análise adicional, apesar de não ter sido o foco inicial do estudo, trouxe à tona a resiliência dos voluntários diante de desafios inesperados e o papel fundamental que o contexto exerce sobre suas motivações e experiências.

Além disso, esta pesquisa revela algumas limitações e pontos fracos. A amostra do estudo incluiu apenas voluntários de uma única universidade do interior de Minas Gerais, e a participação de 20 voluntários pode ser considerada pequena. Isso pode limitar a generalização dos resultados para outras instituições e contextos. Uma amostra maior poderia fornecer uma visão mais abrangente das motivações dos voluntários. A inclusão de discussões sobre

desafios e barreiras poderia fornecer uma compreensão mais equilibrada e completa das experiências dos voluntários.

As análises foram preparadas principalmente em entrevistas com os participantes, ou seja, a inclusão de fontes de dados adicionais, como observações em sala de aula ou diários reflexivos dos voluntários poderia fornecer uma visão mais holística das motivações e experiências. Outro fator reportado foi que este estudo não incluiu comparações com outros grupos, como voluntários de outras atividades extracurriculares ou não voluntários. Isso poderia fornecer uma compreensão mais completa das motivações específicas para o voluntariado em um cursinho popular.

Contudo, podemos destacar como pontos positivos a escolha da abordagem metodológica, que permitiu uma exploração profunda das motivações dos voluntários e suas experiências no cursinho popular. Isso resultou em informações ricas e nuances nas ocorrências dos participantes. Por mais que a amostra seja considerada pequena, o estudo incluiu uma variedade de participantes de diferentes cursos de sintonia, gêneros e níveis socioeconômicos. Essa diversidade enriqueceu a compreensão das motivações dos voluntários e suas perspectivas. Além disso, foi contextualizado as motivações dos voluntários em relação ao cenário educacional brasileiro, destacando a desigualdade socioeconômica e a importância do cursinho como oportunidade de acesso à educação superior.

Por fim, é necessário ressaltar que essa pesquisa aborda a temática da motivação e bem-estar apenas no trabalho voluntário no cursinho popular de uma universidade federal. Portanto, os resultados estão associados e representam o público universitário. Sendo assim, se faz importante fazer essa pesquisa em outros cursinhos e outras realidades para entender como essa ação se dá em diferentes esferas, avançando cada vez mais nessa discussão e produção do conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatou-se que, a motivação dos universitários em exercer o papel de voluntário no cursinho popular se dá pelo sentimento de fazer parte de algo ou de transformar um meio, como a valorização de si mesmo pelos outros, construída socialmente. Além da satisfação por assumir esse papel, o bem-estar está vinculado com a realização plena dos objetivos atingidos para os jovens que fazem parte desse projeto.

Embora a satisfação pessoal tenha sido amplamente relatada como a principal fonte de motivação, é interessante notar que diversas categorias adicionais emergiram ao analisar as respostas dos participantes. O desenvolvimento profissional e o desejo de contribuir para o bem-estar do próximo surgem como elementos impulsionadores igualmente inspirados. Muitos dos voluntários se satisfizeram não apenas ao desenvolver suas habilidades como professores, mas também ao perceber o impacto positivo que podem praticar na vida dos alunos. Algumas motivações também estão enraizadas em uma sensação de retribuição à sociedade, especialmente entre aqueles que tiveram a experiência de serem alunos de cursinhos pré-vestibulares, enxergando essa oportunidade como uma forma de “desenvolver” o apoio que receberam.

Ainda há aqueles que apontaram dificuldades em dar aula, associada a pandemia da COVID-19 que levou as atividades a serem realizadas de maneira remota. Neste contexto, sentiram-se desmotivados, decepção e tristeza por esse formato de ensino, tanto devido às expectativas criadas para a realização das aulas, como barreiras encontradas com os alunos para que eles se envolvessem mais, observando um distanciamento na relação professor-aluno.

Agradecimentos: PIBIC/UFTM.

REFERÊNCIAS

AOTA. American Occupational Therapy Association. Occupational Therapy Practice Framework: Domain and Process. Fourth Edition. **The American Journal of Occupational Therapy**. Vol.74, Suppl.2. 2020.

ARRUDA-BARBOSA, Loeste de et al. Extensão como ferramenta de aproximação da universidade com o ensino médio. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 49, p. 316-327, 2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2010.

CAMPOS, Luciana Maria Lunardi; DA CRUZ, Natália Harue. Instrumento de autoavaliação para estudantes de cursinhos populares: a evasão como problemática. **Cadernos CIMEAC**, Uberaba, v. 10, n. 2, p. 31-58, 2020.

CASTILHO, Ana Flavia de Andrade Nogueira; DA SILVA, Pedro Gabriel Torricilla; SALES, Fernanda Mendes. A cooperação do setor terciário na efetivação dos direitos sociais. **REGRAD-Revista Eletrônica de Graduação do UNIVEM**, v. 11, n. 01, p. 148-160, 2018.

CARRARO, Marcia Regina Simpioni; OSTEMBERG, Eber; DOS SANTOS, Pricila Kohls. As tecnologias digitais na educação e nos processos educativos durante a pandemia do COVID-19. **Educação Por Escrito**, v. 11, n. 2, p. e38859-e38859, 2020.

CORRÊA, João Nazareno Pantoja; BRANDEMBERG, João Cláudio. Tecnologias digitais da informação e comunicação no ensino de matemática em tempos de pandemia: desafios e possibilidades. **Boletim Cearense de Educação e História da Matemática**, v. 8, n. 22, p. 34-54, 2021.

DA SILVA SANTOS, Hugo Henrique David; NETO, Hélio da Silva Messeder; OLIVEIRA, Raiana Wilsa Linhares. Construindo razões para a docência: as contribuições e limites de um cursinho popular na formação inicial de licenciandos das ciências da natureza na UFBA. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade-REED**, v. 3, n. 7, p. 1-27, 2022.

DE OLIVEIRA VIANA, Aline. Relato de experiência de ensino de redação para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) em um projeto de extensão de cursinho popular. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, v. 9, n. 2, p. 107-114, 2018.

FERREIRA, Marisa; PROENÇA, Teresa; PROENÇA, João F. As motivações no trabalho voluntário. **Revista portuguesa e brasileira de gestão**, v. 7, n. 3, p. 43-53, 2008.

DE SOUZA MINAYO, Maria Cecília; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Editora Vozes Limitada, 2011.

GROPPO, Luís Antonio; OLIVEIRA, Ana Rosa Garcia de; OLIVEIRA, Fabiana Mara de. Cursinho popular por estudantes da universidade: práticas político-pedagógicas e formação docente. **Revista Brasileira de Educação**, v. 24, 2019.

KATO, Danilo Seithi. O papel dos cursinhos populares nos acessos e mudanças de perspectivas de seus participantes. **Cadernos CIMEAC**, v. 1, n. 1, p. 5-24, 2011.

MAGALHÃES, Lilian. Ocupação e atividade: tendências e tensões conceituais na literatura anglófona da terapia ocupacional e da ciência ocupacional. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 21, n. 2, 2013.

NUNES, Carina Maria et al. Satisfação e insatisfação no trabalho na percepção de enfermeiros de um hospital universitário. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 12, n. 2, p. 252-7, 2010.

OLIVEIRA-SILVA, Ligia Carolina; MELO ARAÚJO, Marley Rosana; ANDRADE BARBOSA, Isabelle Haaiara. Motivação para o trabalho voluntário: proposição de um modelo compreensivo. **Avances en Psicología Latinoamericana**, v. 40, n. 2, 2022.

PEDRETTI, Lorraine Williams; EARLY, Mary Beth. **Terapia ocupacional-capacidades práticas para as disfunções físicas**. Editora Roca, 2005.

RAMOS, Déborah Karollyne Ribeiro; PAIVA, Irismar Karla Sarmiento de; GUIMARÃES, Jacileide. Pesquisa qualitativa no contexto da Reforma Psiquiátrica brasileira: vozes, lugares, saberes/fazer. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, p. 839-852, 2019.

RIMOLI, Josely; ALVES, José Diego Gobbo. Cursinho Pré-vestibular Colmeia: acolhimento, vínculo e impactos socioespaciais. **Revista Internacional de Extensão da UNICAMP/International Journal of Outreach and Community Engagement**, v. 1, n. 1, p. 19-30, 2020.

RONDINI, Carina Alexandra et al. Pandemia do covid-19 e o ensino remoto emergencial: mudanças na práxis docente. **Educação**, v. 10, n. 1, p. 41-57, 2020.

SILVA, Narbal; TOLFO, Suzana da Rosa. Trabalho significativo e felicidade humana: explorando aproximações. **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**, v. 12, n. 3, p. 341-354, 2012.

SOARES, Dulce Helena Penna et al. Orientação profissional em contexto coletivo: uma experiência em pré-vestibular popular. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 27, p. 746-759, 2007.

TOLFO, Suzana da Rosa; PICCININI, Valmíria. Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, Edição Especial 1. p. 38-46, 2007.

WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta. Da invenção do vestibular aos cursinhos populares: um desafio para a orientação profissional. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, p. 289-297, 2010.